

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

X

Nº. de referência: 2

Título: "UM FILHO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): YAUPHASSANT, GUY DE

Adaptador: SILVA, MARIA PEREIRA DA

Realizador: RIBEIRO, JOSÉ

Locutor: ?

Data de produção: 20/1/1976

Data de Emissão: 26/1/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOAQUIM ROSA	O SENADOR
MÁRIO SARGEDAS	O ACADEMICO
GOSTA FERREIRA	O ESTALAJADEIRO

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

M. Reis

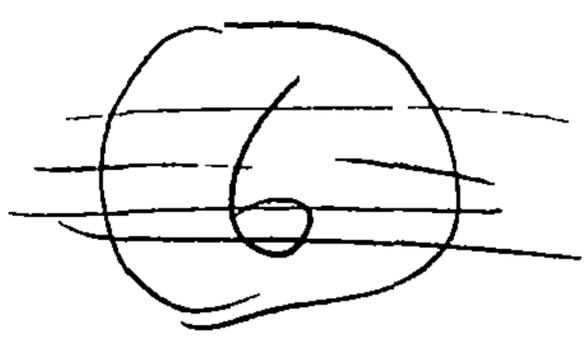
(V.S.F.F.) ⇨

Notas:

-DIREC. ARTÍSTICA - CANTO E BASTÃO

Indexação: TEATRO RADIOFÔNICO

1



UM FILHO

Um conto de GUY DE MAUPASSANT, em tradução e adaptação livre de Maria
Pereira da Silva

Personagens e intérpretes:

- O Senador
- O Académico
- O Estalajadeiro

original

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROGRAMA N.º 16

DATA DE ENTRADA 20 / 1 / 76

PEDIDO DE GRAVAÇÃO
GRAVAREM 20 / 1 / 76

HORA 9.15

NUMERO DO PEDIDO
DE GRAVAÇÃO

PROGRAMA _____

EMISSÃO DE / /

_____ HORAS

VISTO

UM FILHO

Um conto de GUY DE MAUPASSANT, em tradução e adaptação de Maria
Pereira da Silva

(som de passos na areia do jardim)

Senador - Não é sem razão que se diz que a Primavera é a estação das flores. Neste jardim, encontram-se de todas as espécies, impregnando a brisa com a mistura dos seus aromas.

Académico - O dia está lindíssimo, mas abafadiço. ~~Esta~~ atmosfera pesada quebra os corpos...

Senador - Este banco está mesmo a convidar-nos a sentar. (ceçsam os passos)
Temos falado pelos cotovelos... Há ^{muíto} tempo que não nos encontrávamos, mas hoje, creio que temos abordado todos os assuntos.

Académico - Este citiso carregado de cachos amarelos é que não tem aroma. Como o vento leva o pólen!... Com o Sol, parece um fumo dourado...

Quando penso que estes átomos imperceptíveis vão criar novos seres a centenas de léguas de distância!...vão fazer estremecer as fibras e a seiva das árvores fêmeas e produzir seres com raízes que nascem de um germe como nós, mortais como nós, e que serão substituídos por outros da mesma espécie, sempre como nós...!
Ai, meu velho, ^{citiso!} se ~~não~~ tivesses de contar os filhos, ficavas embaraçado! Deixa-los sem remorsos e não te preocupas!

Senador - Nós fazemos o mesmo, meu amigo!

Académico - Sim, não nego que isso nos suceda mas, pelo menos, não sabemos, e nisso está a nossa superioridade.

Senador - Que superioridade!

Académico - Não é isso que quero dizer... Pensa, meu caro, que não há nenhum homem que não tenha filhos sem saber, desses filhos que se diz ser de pai incógnito, gerados quase inconscientemente, como essa árvore reproduz. Se tivéssemos de contar as mulheres que possuímos, não ficávamos tão embaraçados como esse citiso a enumerar os descendentes?

Senador - Sim... dos dezoito aos quarenta anos, fazendo entrar em linha de conta os encontros passageiros, os contactos de uma hora, podemos ter tido... umas duzentas ou trezentas mulheres.

Académico - Pois bem, caro amigo! Nesse número, tens a certeza de não ter fecundado ao menos uma, e de não seres pai de um criminoso, de um ladrão ou assassino de gente honesta como nós? Pensa

que quase todas as mulheres que dizemos públicas possuem um ou dois filhos ~~ignorando~~ quem é o pai, filhos gerados ao acaso das ligações. A dez ou vinte francos. Em todos os negócios se partilha dos lucros e das perdas. Esses "reberos" constituem as perdas da sua profissão. Quem são os pais? Tu, eu, todos os chamados homens "finos". É o resultado dos nossos jantares de amigos, das nossas rapaziadas, dessas horas em que a carne nos incita ao prazer da aventura.

Senador . - Quer dizer que todos os ladrões, os vagabundos, enfim, todos os miseráveis são nossos filhos.

Académico- E antes disso do que nós sermos filhos deles, porque esses vândios também procriam. Olha, pesa-me na consciência uma história bem feia que quero contar-te. É um remorso constante, mais do que isso: uma dúvida contínua, uma incerteza sem tréguas, que às vezes me tortura sem piedade.

Senador . - Alguma loucura da mocidade?

Académico- Talvez... Tinha eu vinte anos quando fiz uma viagem a pé à Bretanha, com um dos meus amigos, hoje Conselheiro de Estado. Após quinze dias de marcha violenta, tendo percorrido grandes etapas, pernoitámos numa aldeola qualquer, cujo nome terminava em of; de manhã, um cansaço estranho obrigou o meu amigo a ficar de cama. Digo de cama, por hábito, pois o nosso leito compunha-se de dois molhos de palha. Era impossível estar doente ali. Convenci-o a levantar-se e, às quatro ou cinco da tarde estávamos em Audierne. No dia seguinte, como estava melhor, pusmo-nos a caminho. Pouco depois começou a sentir-se mal e a muito custo atingimos Pont-Labbé. Ali, ao menos, havia uma estalagem. Mandámos chamar o médico que diagnosticou uma febre alta sem determinar a causa. Conheces Pont-Labbé?

Senador . - Não.

Académico- É a cidade mais bretã de toda essa Bretanha que vai da ponta do Raz ao Morbihan, essa região que contém a essência dos costumes, das lendas e dos usos bretões. Esse canto da terra ainda hoje não mudou.

Senador . - Tens lá voltado?

Académico- Agora, vou lá todos os anos. A base das torres de um velho castelo mergulham num lago triste como o voo das aves selvagens. Daí sai um ribeiro, por onde os navios costeiros podem subir até à cidade. Os trajos dos homens constam de quatro casacos, uns sobre os outros, e um colete bordado; calções e chapéus de abas largas. As raparigas, altas, belas, frescas, têm o busto

encerrado num colete de pano que as aperta como uma couraça, sem deixar adivinhar as formas desenvolvidas e martirizadas. As cabeças são arranjadas de um modo engraçado: duas chapas bordadas a cores assentam sobre as fontes, rodeiam o rosto e apertam os cabelos que, depois de caírem pelas costas, são dobrados até ao alto da cabeça e escondidos sob uma touca original, algumas vezes tecida em ouro ou prata.

Senador - Na verdade, Pont-Labbé deve^{ser} muito interessante.

Académico - Mesmo muito... Ora, a criada da estalagem não devia ter mais de dezoito anos. Possuía uns bonitos olhos azuis, é uns lindos dentes e um sorriso encantador. Não sabia uma palavra de francês como a maior parte dos compatriotas; só falava bretão. Embora o meu amigo estivesse melhor, o médico exigia absoluto repouso. Eu passava os dias ao pé dele, e a criadita aparecia de vez em quando para trazer os remédios e as refeições. Eu brincava com ela, mas não dizia nada, naturalmente porque não nos compreendíamos.

Senador - Deve ser muito aborrecido estar entre pessoas que não nos entendem, nem nós as entendemos.

Académico - Ora, uma noite em que fiquei até mais tarde junto do dente, ao entrar para o meu quarto, cruzei-me com a pequena que recolhia ao seu, mesmo defronte da minha porta, já aberta. Sem pensar no que fazia, mais por brincadeira do que com outro sentido, agarrei-a pela cintura e, sem saber como, fechei-a no meu quarto. A pobrezinha olhava para mim com medo, desvairada, sem ousar gritar para não dar escândalo, ser talvez despedida pelos patrões e até expulsa pelo pai.

Senador - Estavas louco, com certeza. Pobre rapariga!

Académico - Afianço-te que fiz aquilo por graça. Porém, ao vê-la ali, senti um desejo louco de a possuir. Foi uma luta renhida, corpo a corpo, em que ela se debatia corajosamente. Durante algum tempo, eu atacava, ela resistia, até que, exausta acabou por cair. Então, enlouqueci e fui brutal... Mal conseguiu levantar-se, fugiu para o quarto e fechou-se à chave.

Senador - A tua história está a despertar-me interesse. Qual será o desfecho?

Académico - Já vais saber... Nos dias que se seguiram àquela fatal noite mal vi a rapariga, nem consentia que me aproximasse. Depois, como o meu companheiro se curou e devíamos seguir viagem, na vés-

pera da partida, ela entrou no meu quarto, à meia-noite e abraçou-me apaixonadamente. Até de manhã, beijou-me, chorando, dando a entender a ternura e o desespero que uma mulher pode sentir, sem saber uma palavra da nossa língua.

- Separador -

Acadêmico - Como deves calcular, oito dias depois já nem me lembrava daquela aventura, tão vulgar em viagens. Estive trinta anos sem pensar nisso e sem voltar a Pont-Labbé. ~~Em 1876,~~ ^{Por} acaso, fiz uma excursão à Bretanha ^{a fim} para me documentar para um trabalho literário, ^{pois} precisava inteiramente bem da paisagem. Encontrei tudo na mesma. Quando me sentei para jantar, a fatalidade fez que ^{eu} perguntasse ao estalajadeiro:

- Separador - (Retrospectiva)

Acadêmico - Passei aqui uns dez dias há trinta anos... O senhor conheceu os antigos donos desta casa?

Estalajadeiro - Eram meus pais, senhor...

Acadêmico - Estive aqui com um amigo que tinha adoecido duante a viagem. Ele dormia no quarto que dá para a rua...

Estalajadeiro (interrompendo) - Ah! Lembro-me muito bem: o senhor dormia no quarto ao fundo do corredor... Tinha eu quinze ou dezasseis anos.

Acadêmico - Recordá-se de uma criadita que tinha uns lindos olhos e uns dentes muito brancos?

Estalajadeiro - Perfeitamente...

Acadêmico - O que foi feito dessa rapariga?

Estalajadeiro - Morreu uns meses depois, ao dar à luz um filho. Olhe, o senhor vê aquele rapaz que está a remexer o estrume?

Acadêmico - Parece coxo...

Estalajadeiro - E é, senhor... É o filho da tal rapariga.

Acadêmico - Não é nada bonito. Não se parece com a mãe; com certeza, sai ao pai.

Estalajadeiro - É possível, mas nunca se soube quem era. A mãe morreu sem dizer nada e ninguém lhe conhecia namoro. Foi uma surpresa quando se deu por ela estar grávida. Ninguém queria acreditar. O rapaz não presta para nada. Tenho cá por caridade. Se tivesse sido criado como toda a gente, talvez se tivesse tornado melhor mas que quer o senhor?.... Sem pai, sem mãe, sem dinheiro...

Acadêmico - Foi infeliz...

Estalajadeiro - Os meus pais tiveram dó do pequeno, mas não era seu filho, compreende!...

Académico - Coxeia tanto, que se vê perfeitamente o esforço que faz naquele trabalho. Cotado! Podiam poupá-lo um pouco mais...

Estalajadeiro - Ah! Assim que tem um pouco de liberdade ou bem-estar, torna-se mau. É preciso tê-lo em regime de prisioneiro.

Académico - Faz-me pena! Vou deixar-lhe algum dinheiro e o senhor dar-lho-á como melhor entender.

Estalajadeiro - Se o senhor quer fazer bem, não faltam por aí crianças abandonadas, mas escolha uma que corresponda ao seu sacrifício.

Académico - Contudo, gostava de falar àquele rapaz, já que me lembro muito bem da mãe.

Estalajadeiro - Quando o senhor acabar de jantar, chamo-o.

- Separador -

Académico - Não podes imaginar, meu velho, o meu suplício, ao ver na minha frente aquele rapaz com ^{um} todo apatetado, a ~~rir~~ ^{arrastar} o chapéu ~~nas~~ mãos nojentas e calejadas, rindo parvamente, mas com um tique do sorriso da mãe e um pouco da expressão do seu olhar.

Senador - Mas em que te baseias para pensar que é teu filho?

Académico - O patrão mostrou-me a certidão do desgraçado. Nascera oito meses ^{vinte} e seis dias depois de eu ter saído de Pont-Labbé. A cédula trazia a seguinte nota: "Pai incógnito". Fiquei sufocado, ~~sem~~ poder articular uma palavra. O rapaz deixou de rir e afastou-se. Eu vagueei o dia inteiro, reflectindo dolorosamente, sem nada poder resolver. Para não levantar suspeitas parti, com o coração despedaçado. Há dezasseis anos que vivo com esta horrível incerteza...

Senador - E continuas a ir lá?

Académico - Todos os anos, uma força invencível me obriga a isso. Todos os anos me condeno ao suplício de ver aquele ente disforme remexer o estrume e penso: "latei a ~~mãe~~ e perdi aquele ser atrofiado, larva de cavaliça, que nasceu e cresceu no meio do estrume, um homem que se tivesse sido educado como os outros, seria igual aos outros." Sinto desejos de o abraçar, e nem mesmo nunca lhe toquei na mão suja... E repito: "É meu filho!"

Senador - Na verdade, devíamos ocupar-nos um pouco mais ~~com~~ as crianças abandonadas.

Académico - Podes crer, meu caro, que sempre que volto a Pont-Labbé me sinto mais indecso, mais torturado, mais ansioso. Tudo tenho tentado para minorar a sorte daquele infeliz. Tentei mandá-lo ensinar, mas sem resultado. O patrão diz ~~que~~ que ele só serve para lim-

par a cavalariça, que até dorme com os cavalos... Nessa noite, custou-me a adormecer. Finalmente, o sono chegou, povoado de visões insuportáveis. Via aquele grosseirão a rir-me na cara e a chamar-me paizinho; depois transformou-se em cão e mordia-me as canelas. Por fim, eu fugia e ele perseguia-me, a ladrar, a injuriar-me e a querer que os meus colegas da Academia decidissem se eu era ou não seu pai. Foi uma noite pavorosa!

Senador - Há sonhos que nos dispõem tão mal!

Académico - Acordei com o desejo de tornar a ver o pobre moço de estrebaria que penso ser meu filho. Até o acho parecido comigo.

Senador - E, depois de o tornares a ver, continuas com a mesma ideia?

Contínuo, sim...

Académico - Era domingo e apanhei-o quando ia para a missa. Dei-lhe cem soldos, ele pôs-se a rir, aparvalhado, aceitou o dinheiro e, a fugir, balbuciou uma palavra imperceptível que devia querer dizer "obrigado". Nesse dia a minha angústia ainda foi maior: ele voltou embriagado. Disseram-me que mal apanha dois cêntimos vai logo para a taberna. Que fazer a isto? Se deixasse transparecer as dúvidas que me atormentam, esse imbecil tornava-se astucioso para me explorar, me comprometer, me perder, me envengonhar. Como no sonho, havia de gritar: "Paizinho!"

Senador - De facto, deve ser uma situação horrível! Meu pobre amigo! A que nos levam as loucuras da juventude!

Académico - Não podes imaginar a sensação estranha, confusa e intolerável que eu sinto diante daquele rapaz, ao pensar que lhe dei o ser, que me pertence por esse elo íntimo que liga o filho ao pai... que, graças às terríveis leis da hereditariedade, é meu por mil coisas: pelo sangue, pela carne, que possui os meus frémitos de paixão...

Senador - Precisas esquecer.

Académico - É impossível! Sinto sempre uma insaciável e dolorosa ansiedade de o ver, embora a sua presença me faça sofrer atrocemente. Quando lá estou, da janela do meu quarto passo horas a contemplá-lo a remexer e a carregar o esterco dos animais e repito para mim: "É meu filho!" Costava de o chamar, de o abraçar, esse te disse, mas a voz seu aspecto no jênto tira-me a coragem e faz-me sofrer. É horrível! Horrível!

Senador - Concordo... Mas, mesmo assim é bom ter vinte anos, e até arranjar filhos como esse. Não há nada como a mocidade!

